



DO CARÁTER ESTÉTICO AO CARÁTER SUBJETIVO DA PAISAGEM: Uma perspectiva através da geografia

Of the aesthetic character to the subjective character of the landscape: A perspective through the geography

Claudio Antonio Vieira da Silva – USP – Fortaleza – Ceará – Brasil
claudioavsilva@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho traz uma síntese de ideias e recortes referentes ao conceito de Paisagem, no viés da Geografia. Os esforços teóricos lançados não são definitivos, entretanto aglutina referências essenciais do conceito de Paisagem, com vinculações teóricas e traz entendimentos e reflexões sobre esta abordagem teórica de Paisagem. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho busca alçar um direcionamento teórico de Paisagem, na perspectiva geográfica, através de uma breve revisão bibliográfica, necessária para argumentação e organização das ideias. Assim, a intencionalidade do presente trabalho é uma constante construção de conhecimento e que outras leituras e esforços devem ser somados as ideias aqui colocadas. Para compor o quadro teórico, foi feita uma trajetória teórico-temporal compreendendo: a dimensão estética, o caráter físico-morfológico e a leitura subjetiva da Paisagem. Essa trajetória teórica supracitada foi sendo construída à medida que a bibliografia foi definida, respeitando a linha do tempo dos autores e ideias. Por meio do quadro teórico construído enfatiza-se que apesar do conceito de paisagem ser polissêmico, envolve entendimentos e aplicações diversas, sendo necessário nos aportes da investigação científica. Com isso, trouxe uma abordagem que perpassa, numa escala temporal, considerações teóricas nos estudos de Paisagem.

Palavras-chave: Paisagem; Perspectiva Geográfica; Quadro teórico; Recortes.

ABSTRACT:

The present work brings a synthesis of ideas and clippings related to the concept of Landscape, in the bias of Geography. The theoretical efforts launched are not definitive; however it brings together essential references of the concept of Landscape, with theoretical links and brings understandings and reflections on this approach about Landscape. In this sense, the objective of this work seeks to raise a theoretical direction of Landscape, from the geographical perspective, through a brief bibliographic review, necessary for argumentation and organization of ideas. Thus, the intentionality of the present work is a constant construction of knowledge and that other readings and efforts should be added to the ideas placed here. To compose the theoretical framework, a theoretical-temporal trajectory was made comprising: the aesthetic dimension, the physical-morphological character and the subjective reading of the Landscape. This theoretical trajectory above was being constructed as the bibliography was defined, respecting the timeline of the authors and ideas. Through the theoretical framework constructed, it is emphasized that although the concept of landscape is polysemic, it involves diverse understandings and applications, being necessary in the contributions of scientific research. With this, it brought an approach that permeates, on a time scale, theoretical considerations in landscape studies

Keywords: Landscape; Geographical Perspective; Theoretical framework; Clippings.

INTRODUÇÃO

Esta reflexão é resultado de uma síntese de ideias e recortes, cuja intencionalidade majoritária refere-se ao registro de entendimentos e reflexões sobre um dos conceitos mais próprios e estudados na Geografia, a Paisagem. Especificamente, no âmbito da Geografia Humana. Essa discussão surge do anseio de compreender a variabilidade de entendimentos em torno da Paisagem, juntamente com a premissa de resgatar as origens em torno do conceito e apontando reflexões, ideias e eixos de estudo considerando as correntes filosóficas que influenciaram a Geografia.

Para compor o quadro em questão, a trajetória teórica foi fundamentada, notadamente, em livros publicados por autores clássicos e em periódicos publicados sobre a abordagem de Paisagem na ciência geográfica. Vale lembrar que os esforços teóricos aqui realizados não são definitivos, todavia, visam aglutinar as referências essenciais sobre a Paisagem na Geografia, juntamente com suas vinculações teóricas com outros temas pertinentes.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar um direcionamento teórico de Paisagem, com viés na geografia¹, através de uma breve revisão bibliográfica, necessária para argumentação e organização das ideias mais recorrentes nos estudos de Paisagem.

Chama-se a atenção, neste momento, para a intencionalidade da presente reflexão que diz respeito a uma constante construção do saber geográfico e que outras leituras e esforços devem ser somados aos aqui colocadas, tornando esta discussão um campo teórico mais abrangente.

Ao retratar o cenário de Paisagem, será feita uma trajetória através de 03 momentos. Primeiramente em torno da dimensão estética; em seguida pelo caráter morfológico e, por fim, a leitura subjetiva e cultural dos significados na Paisagem. Essa trajetória teórica foi sendo construída na medida em que a bibliografia foi definida, respeitando o contexto histórico em que os autores apresentaram suas ideias.

¹ Ressalta-se que a Paisagem pode ser interpretada por outros vieses de análise, inclusive outras ciências do conhecimento. Na presente reflexão é vista como uma categoria de análise da Geografia.

SÍNTESE DAS IDEIAS

Os estudos envolvendo a Paisagem requerer certo grau de complexidade. O conceito de Paisagem se apresenta em múltiplas facetas e seu entendimento vai além do senso comum enquanto dimensão física (a ideia de panorama que se apresenta por meio da visão) e em sua dimensão natural (como sinônimo de natureza) (SILVA et. al., 2007).

A multiplicidade de significados da palavra Paisagem permite que o mesmo vocábulo designe realidades aparentemente *disímiles* como em um entorno físico, uma ideia ou um sentimento (BERJMAN, 2008). Estudar a Paisagem remete a um leque de possibilidades, visto que a Paisagem é estudada por diferentes campos disciplinares do conhecimento científico além da Geografia, como a Antropologia, História, Arquitetura e Urbanismo, utilizando diferentes perspectivas de abordagem, correntes de pensamentos e métodos de análise e de interpretação.

Especificamente para a Geografia, a Paisagem pode ser compreendida como um recorte do Espaço composta pela associação entre as formas físicas, naturais, culturais e simbólicas, que vão mudando como resultado da ação do homem sobre o meio. Nesse caso, a Paisagem é produto social, carregada de significados diversos que lhe são atribuídos, e são, portanto, registros culturais.

É oportuno destacar que essa ideia de Paisagem como produto social é na perspectiva da Geografia Humana, sobre a qual esta reflexão debruça-se. Ao mesmo tempo, no âmbito da Geografia Física, a perspectiva de Paisagem também é abordada e diz respeito a uma representação do espaço, por vezes, tratada enquanto sinônimo de natureza. Assim, há duas linhas de pensamento sobre um único conceito na ciência geográfica e, embora não seja o mérito deste trabalho abordar as duas visões faz-se necessário deixar claro que há dois encaminhamentos significativos sobre Paisagem na Geografia.

Assim, as distintas abordagens filosóficas, correntes do pensamento e métodos de análise, deixaram suas marcas e contribuições em torno da Paisagem. No caso da Geografia pode ser verificado nos estudos envolvendo a Paisagem.

CONSIDERAÇÕES AOS ESTUDOS DE PAISAGEM

Ao longo de sua história, a Geografia desenvolveu métodos e abordagens específicas no seu campo de atuação que a orientam e a tornam uma ciência dinâmica e mutável. Neste contexto, a Geografia definiu e estabeleceu conceitos-chave para interpretar, compreender e serem modos de olhar o Espaço e tratar os objetos espaciais. A qual, a Paisagem é um destes conceitos.

Com diferentes abordagens e modos de ser tratada, a Paisagem figura como um dos conceitos mais próprios da geografia, muitas vezes ocupando temas centrais na pesquisa geográfica. Faz parte dos estudos mais clássicos, desde sua institucionalização enquanto ciência no século XIX, sendo fundamental para a compreensão de diferentes aspectos da organização espacial.

Todavia, o que é uma Paisagem? O que é a Paisagem para o geógrafo? E o que significa este termo?

Esses questionamentos são relevantes para o entendimento semântico, contextual e interpretativo com a qual a Paisagem se insere dentro do espaço geográfico. Uma vez que, a Paisagem ocupou, ocupa e ocupará o universo da Geografia; sendo um tema recorrente, dinâmico e com grandes atribuições teóricas e científicas.

Quando nos referimos ao termo Paisagem, normalmente, somos levados a enxergar e a imaginar mentalmente uma estrutura natural com atributos físicos, como num panorama e em uma fisionomia, ou seja, da forma com a qual a paisagem se apresenta e é vista pelo observador. Contudo, iremos perceber mais adiante que a Paisagem vai além da fisionomia.

Quando crianças [mas também enquanto adultos], guardamos na memória a contemplação da paisagem e ao trazermos à tona essas imagens passamos a representar aquilo que vivenciamos, além das lembranças com as quais, porventura, podemos ser acometidos. No senso comum, a paisagem poderia ser vista dessa forma, carregada de aspectos objetivos e subjetivos atrelados e integrados entre si, formando uma teia de sentidos e identidades.

Entender esses aspectos significa perceber e apreender na sua fisionomia o material e o palpável; assim como também as sobreposições subjetivas, harmônicas e

culturais que emanam da paisagem. No sentido mais profundo, seria uma busca por uma sintonia com o que se vê (no caráter geomorfológico, ambiental) e o que se apreende (no caráter cultural, simbólico). Dessa forma, trataremos adiante de três dimensões da Paisagem: a dimensão estética, a dimensão morfológica e a dimensão subjetiva.

A ESTÉTICA NA PAISAGEM

A Paisagem enquanto concepção estética está relacionada ao visível, relativo a um ponto de vista, uma imagem, e certo tipo de enquadramento, sobre a qual a Paisagem é pensada como objeto. A noção de Paisagem muitas vezes está relacionada às artes e literatura, vincula-se aos poemas e as pinturas, referenciando à apreciação da natureza e do belo.

Especificamente a pintura, na composição do artista, desempenhou um papel determinante na construção de códigos, sobretudo, estéticos que levaram as pessoas a olhar a natureza com outros olhos, valorizando-a. As pinturas de paisagem passaram a integrar uma constante no olhar de vários artistas da natureza e de sentimentos humanos desde o Renascimento.

Cauquelin (2007), afirma que a visualização de um lugar é feita pelo artista que representa o meio enquadrando-o, diferente de um texto onde o autor descreve a paisagem. A autora afirma ainda que embora o texto não permita visualizar a paisagem como a pintura, existe um conjunto indissociável entre a literatura, a pintura e em outras expressões artísticas que refletem nas maneiras de representar a paisagem:

“A paisagem [...] estava inteiramente submetida às convenções pictóricas e literárias; exemplificada sob a forma de quadros, ela dependia, de algum modo, de certo estado da cultura [...] Pinturas, esculturas, fotografia, vídeo e trilhas sonoras compõem paisagens mestiças, híbridas, nas quais o espectador se sente imerso” (CAUQUELIN, 2007, p. 15).

A Paisagem começou a ser expressa na pintura, sobretudo em quadros que representavam elementos naturais como as montanhas e os cursos d’água, assim como na poesia, em formato de texto. Segundo Berque (1996), a noção de Paisagem surgiu no

orientes, especificamente na China, na forma de poemas e se firmou, historicamente, em torno do termo *shanshui* que significa “monte e água”.

Já no ocidente, a representação da Paisagem surgiu com o Renascimento Europeu, sobretudo nos quadros dos pintores renascentistas, entre eles: Rembrandt e Frans Post durante o Século XVII. Segundo Clark (1991, p.33 *apud* BARROS, 2006) as pinturas de paisagens começam a aparecer na Europa no final do século XV e início do século XVI, isto é, no período renascentista.

O Renascimento trouxe a objetividade ao meio ambiente e dividiu o mundo entre um ponto de vista subjetivo, centrado no homem, e outro ponto de vista centrado no objeto, na natureza (BERQUE, 1994). Analogamente Cosgrove (1998), reafirma que a Paisagem surgiu durante o Renascimento e acrescenta que a Paisagem indicava uma nova relação entre os seres humanos e o ambiente natural.

DO CARÁTER ESTÉTICO AO CARÁTER CIENTÍFICO

Ao decorrer dos séculos subsequente ao Renascimento Europeu, a concepção de Paisagem foi além de um estado artístico para uma concepção científica. Contudo, esse processo de passagem apresentou várias oscilações e, na realidade, não conduziu a uma separação absoluta (BARROS, 2006).

Para Claval (2012, p. 265), os geógrafos não permaneciam indiferentes às paisagens que descobriam, eles “*preocupam-se com a maneira como a Paisagem está carregada de sentido, investida de afetividade por aqueles que vivem nela ou que a descobrem*”. Além disso, o observador se extasiava com a harmonia que detectava e nas formas que descobria, e que confirmavam a sabedoria ou a cólera do Criador (CLAVAL, *ibid*).

Nessa mesma direção, Barros (2006) enfatiza que a concepção de Paisagem têm forte vinculação no caráter estético em artes plásticas, literatura e na poesia. Sendo a Paisagem “*um conceito de mais sugestibilidade ocular e evidencia com mais clareza as relações entre a descrição geográfica*” (BARROS, 2006, p. 24). Ou seja, o ato de visualizar e de imaginar espacialmente são aspectos fundamentais na concepção de Paisagem.

Na ciência geográfica, enquanto campo disciplinar, o termo Paisagem apresenta etimologia com alguns significados distintos nas duas principais formas em que esta aparece na literatura geográfica, seja nos países de língua latina (*Paysage, Paisaje, Paisagem*), ou germânica (*Landschaft, Landscape*) (MARTINS et al., 2004; POZZO; VIDAL, 2010).

A reflexão em torno dessa concepção teve início nos estudos do naturalista alemão Alexander Von Humboldt, no século XIX em que a Paisagem foi estudada a partir da diferenciação de áreas. Por sua vez, o caráter acadêmico da Paisagem foi adquirido a partir dos estudos do geógrafo francês Paul Vidal De La Blache, sobretudo na escola regionalista francesa (RIBEIRO, 2007). Nesse contexto, a Antropogeografia física, isto é, a concepção da influência da natureza sobre os homens também merece destaque, sendo esta a contribuição do geógrafo alemão Carl Ritter (GOMES, 2007). Assim, embora apresentem pressupostos distintos, os estudos da Paisagem tanto na geografia francesa como na alemã deixaram a sua contribuição aos estudos da Paisagem.

No final do século XIX, houve uma ampliação nos estudos sobre a concepção de Paisagem. Segundo Côrrea e Rosendahl (2012), o termo paisagem é um dos conceitos-chave da geografia, sendo um tema de grande interesse por parte dos geógrafos, na qual a história envolvendo essa concepção na geografia pode ser evidenciada em dois grandes momentos: o primeiro momento compreende o final do século XIX até meados de 1970; o segundo momento compreende de 1970 até a presente data. Cada um desses momentos é caracterizado por um modo específico de analisar e tratar a paisagem.

Melo (2003), ao se referir ao conceito de Paisagem afirma que ele é um dos mais antigos da geografia e em algumas abordagens da geografia clássica os geógrafos afirmavam ser a geografia “a ciência das paisagens”. No entanto, devido às diversas acepções, inclusive dentro de uma mesma corrente de pensamento, alguns geógrafos chegaram a levantar questionamentos sobre sua cientificidade.

A GEOGRAFIA CULTURAL E A MORFOLOGIA DA PAISAGEM

Do século XIX até meados de 1970, período correspondente à influência da corrente de pensamento da Geografia Tradicional, o estudo de Paisagem é analisado por

meio da sua morfologia, ou seja, o conteúdo da paisagem tem fundamento nas qualidades físicas de uma área e na sua transformação e foi inserida em estudos e temas da Geografia regional. Salientando que não eram considerados os fatos não materiais e os aspectos subjetivos da paisagem (MELO, 2003).

A partir de 1970 até a data presente, período que compreende as abordagens da Geografia Crítica e Humanista, a Paisagem passou a ser estudada por meio de seus significados, ou seja, a realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a Paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos uns dos outros, mas de forma simultânea (MELO, *op. cit.*). Além disso, os estudos passaram a ter abordagens distintas e novas leituras e paradigmas emergiam orientando a geografia (CORREA; ROSENDAHL, 2012).

Inserido no primeiro momento, nos anos 1920, o geógrafo americano Carl Sauer, da escola de Berkeley, em seu clássico *The Morphology of Landscape* (SAUER, 1998 [1925]), partia do pressuposto de que o estudo de morfologia da paisagem implicava em uma associação distinta entre as expressões culturais e físicas, ou seja, a paisagem geográfica era estudada enquanto conjunto de formas resultantes da ação do homem sobre a natureza, sendo este o objeto principal da Geografia (ROSENDAHL; CORRÊA, 2001).

A paisagem cultural, até então, era tratada, segundo Sauer (1998), como resultado de uma paisagem natural modelada a partir de um grupo cultural (concepção que deriva da influência antropológica), ou seja, o ambiente natural é o meio e a cultura é o agente, e a relação entre ambos traz como resultado a paisagem cultural.

Essa linha de abordagem proposta por Sauer ao considerar que a paisagem cultural é resultado da ação do homem sobre o meio demonstra que, embora, ele tenha sido condicionado durante seus estudos acadêmicos nos Estados Unidos ao determinismo ambiental, sua aproximação com o historicismo contribuiu para que houvesse o “rompimento” com essa corrente de pensamento. Apesar da relação existente entre o homem e a natureza, Sauer não levou em consideração os aspectos subjetivos existentes, privilegiando a análise morfológica da paisagem cultural e os aspectos culturais relacionados.

Sauer e a Escola de Berkeley contribuíram efetivamente em muitas abordagens e temas relativos às pesquisas na geografia cultural, como aconteceu com a paisagem cultural. Apesar disso, várias críticas foram lançadas à geografia cultural da primeira metade do século XX (CLAVAL, 2001) dentre elas: i) a preocupação em descrever mais do que compreender; ii) a ênfase dada a um certo esteticismo colocado na paisagem; iii) o destaque atribuído ao ambiente rural era maior em comparação ao ambiente urbano; iv) o peso conferido ao passado; v) e a falta de atenção ao significado dos acontecimentos espaciais.

Além disso, a crítica mais contundente a geografia cultural adotada por Sauer e a Escola de Berkeley veio do geógrafo americano James Duncan, na década de 1980. Segundo Duncan (1980), a Cultura foi vista como uma entidade acima do homem (entidade superorgânica), ou seja, existia uma separação entre o indivíduo e a cultura, sendo o indivíduo concebido como um simples “agente de forças culturais”.

O resultado das críticas lançadas a então geografia cultural, juntamente com a corrente de pensamento vigente, o positivismo lógico, e o forte declínio sofrido a partir da década de 1950 devido à introdução da “revolução teórico-quantitativa”, fez com que o estudo da Paisagem passasse a não ser predominante (CORRÊA, 1997).

Estes novos questionamentos deram a tônica da reestruturação da Geografia Cultural, após meados da década de 1970. *“A geografia cultural entra em declínio, porque desaparece a pertinência dos fatos de cultura para explicar a diversidade das distribuições humanas”* (CLAVAL, 1999, p. 48). Ou seja, a Geografia cultural não poderia continuar somente centrada nos aspectos materiais da cultura, enquanto referência para falar da diversidade dos grupos humanos, num contexto de crescente globalização.

REESTRUTURAÇÃO NOS ESTUDOS DE PAISAGEM E RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA CULTURAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No movimento de renovação da geografia cultural o conceito de cultura proposto por Clifford Geertz foi fundamental no modo interpretativo e teve grande influência na corrente chamada “Nova Geografia Cultural”. Geertz (2013) defende que o conceito de cultura é essencialmente semiótico, acreditando que o homem é um animal amarrado a

teias de significados tecidas por ele mesmo. Nesse contexto, faz-se necessário levar em consideração essa variada teia de significados produzidos pelo homem, na interação com o meio para a interpretação da Paisagem.

No seu estudo, Geertz é contrário ao conceito supraorgânico da cultura, que é defendida na geografia cultural em Sauer. Para este autor, a cultura deve ser entendida com base em uma ciência interpretativa, a procura do significado, partindo-se do entendimento de que a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas (GEERTZ, 2013).

Neste contexto, esta concepção de interpretação da cultura influenciou o estudo da paisagem na nova geografia cultural. Dessa forma, a paisagem vai além da sua fisionomia, deixando de ser analisada apenas por suas características materiais, passando a incluir as interpretações de seus significados para os grupos que a vivenciam ou que a modelaram, pois a paisagem é *“resultado de uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados”* (COSGROVE, 1998, p. 98).

Assim, as críticas resultaram no desenvolvimento da concepção da Paisagem em novas perspectivas de abordagem, pois não faz mais sentido tratar a Paisagem dicotomicamente, ou seja, numa perspectiva da geografia cultural tradicional e nas considerações dos geógrafos alemães tradicionais (RIBEIRO, 2011).

A abordagem da Paisagem a partir de 1980, na Geografia Humanista, passa a ter um caráter mais subjetivo e seu estudo passa a incluir a relação entre o homem e o meio na busca pelo seu significado para os grupos culturais. Com a aproximação da geografia a outras ciências humanas, tais como a Antropologia, novos métodos para interpretação da paisagem foram adicionados à prática geográfica, objetivando, sobretudo, superar o modelo morfológico de análise. A geografia Cultural lida, por definição, com grupos humanos, com *suas inter-relações e ações coletivas transformando a natureza* (COSGROVE, 2012, p. 108).

Nesse contexto foi criada por alguns Geógrafos anglo-saxões, tendo destaque James Duncan e Denis Cosgrove, a denominada Nova Geografia Cultural. Ressaltando que o debate acadêmico no desenvolvimento dos estudos que contemplam a paisagem, em cada uma dessas perspectivas de abordagem, surgiu de forma independente e com

pressupostos distintos. Nesse artigo, será dada uma ênfase a abordagem da geografia cultural anglo-saxão.

O CARÁTER SUBJETIVO E INTERPRETATIVO DA PAISAGEM

Os geógrafos adeptos da nova geografia cultural, em especial os anglo-saxões, consideram necessário para interpretar a paisagem levar em consideração os significados que ela apresenta para os diferentes grupos culturais envolvidos, compreendendo de que forma as paisagens foram e são produzidas. Neste contexto, Cosgrove e Duncan (geógrafos anglo-saxões) trouxeram grandes contribuições aos estudos que versam sobre as paisagens, seus significados e o simbolismo presente nas mesmas.

Cosgrove se baseia na aproximação entre a teoria materialista dialética e as interpretações da paisagem através do seu significado. Além disso, ele especifica três diretrizes no estudo da paisagem: i) que a paisagem deve estar focalizada na estrutura espacial, em sua composição e nas formas que a definem (no caso as formas visíveis); ii) que a paisagem se refere à unidade e concepção racional do meio ambiente; iii) e que a paisagem é o resultado da intervenção humana (COSGROVE, 1998).

Este autor também enfatizava que o estudo cultural da paisagem não pode estar desvinculado de um contexto histórico das relações humanas que envolvem a produção e o mundo a qual habitam, ou seja, o entendimento da produção das paisagens está relacionado ao estudo das relações de poder. Nesta mesma direção, Mcdowell (1996), diz que as ideias e valores culturais são ligados às relações de poder e que determinados grupos da sociedade tentam impor sua definição de cultura e outros grupos a contestam. Com isso, normalmente, um grupo dominante tentará impor sua visão de mundo:

O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum [...]. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, [...] mas também em termos de sexo, idade e etnicidade (COSGROVE, 1998, p. 104-105).

As intervenções humanas no meio natural, fatalmente acarretarão transformações culturais, pois todas as paisagens possuem significados simbólicos porque elas são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo

homem (COSGROVE, 2012). Nesse sentido, a paisagem “[...] *não se resume apenas ao resultado material das interações entre o ambiente e a sociedade, mas também a consequência de uma maneira específica de olhar*” (MCDOWELL, 1996, p. 176).

Estes significados são revelados e expressos das mais variadas formas na paisagem, sendo apreendidas de formas distintas entre os diversos atores culturais envolvidos. Dessa forma, revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de modo autoconsciente num nível em que os significados possam ser interpretados e expressos (COSGROVE, 1998).

Com o intuito de criar novos métodos de interpretação da paisagem, geógrafos adeptos da nova geografia cultural, introduziram mudanças com relação à análise da paisagem, feita pela geografia tradicional. Segundo Cosgrove & Domosh (1993), uma das mudanças introduzidas foi a substituição das metáforas tradicionais que enfocavam a paisagem como um sistema quantificado para um “modelo” de uma realidade neutra, pelas metáforas utilizadas no campo da cultura e das artes, como textos, teatro, mapas e pintura.

Essas metáforas são utilizadas nas áreas de atividades humanas como representações e foram incorporadas pelos novos geógrafos culturais como instrumental retirado da “*arena da criação do significado humano*”. As metáforas são escolhidas pelo pesquisador para interpretar as visões de mundo de grupos humanos, porque elas expressam a forma como esses grupos representam o mundo e a sua relação com ele (MELO, 2003).

Para Cosgrove a paisagem é concebida como um modo de ver e de representar. Em um dos seus trabalhos “*The iconography of landscape*” (1988), ele utiliza como metáfora a iconografia, partindo do pressuposto de que a paisagem é uma imagem cultural, representada como uma forma pictórica, estruturada e repleta de simbolismo.

Nesse contexto, a paisagem pode ser representada de variadas formas materiais e em muitas superfícies: na pintura sobre telas, escritas em papel, na terra, na rocha, na água e na vegetação, no chão. E deve ser interpretada através da iconografia, que é o estudo histórico e teórico do imaginário simbólico, na qual se caracteriza como o método com mais precisão para interpretar as imagens visuais (COSGROVE & DANIELS, 1988).

Dessa forma, a paisagem sendo evidenciada em iconografias, pode ser considerada como um produto cultural que determina e é determinada pela cultura. E a partir da investigação desses produtos culturais é possível realizar a interpretação dos atributos e significados da paisagem², decifrando-a.

Outro método de interpretação da paisagem, enfatizado por Cosgrove como importante é a “linguagem”, que é o modo primário de comunicação humana, e tem sido alvo de interesse nos estudos dos significados e interpretações da paisagem cultural e no papel simbólico da linguagem nas relações com o ambiente natural (COSGROVE, 2012).

O comum dos estudos modernos de imagens, na verdade, é que eles devem ser entendidos como um tipo de linguagem; em vez de fornecer uma janela transparente sobre o mundo, imagens são agora consideradas como o tipo de sinal que apresenta uma aparência enganosa de naturalidade e transparência, ocultando um opaco, distorcido, mecanismo arbitrário de representação, um processo de mistificação ideológica (MITCHELL, 1986 *apud* COSGROVE; DANIELS, 1988, p. 257-258).

Nesse contexto, tanto a iconografia como a “linguagem” são valiosas ao se considerar os estudos de interpretação de significado da paisagem cultural.

No cenário da nova geografia cultural, o papel do geógrafo norte-americano James Duncan (1990) também merece atenção. Ele afirma que a paisagem é um dos elementos centrais num sistema cultural já que “age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (DUNCAN, 2004, p. 106).

Duncan parte da premissa da leitura da paisagem, ou seja, a paisagem como um texto, que pode ser lido e interpretado, numa análise da relação entre a paisagem e reprodução do poder. Para tal, ele defende que se deve utilizar a investigação dos relatos das pessoas locais, não locais e o sistema de significação implícito na paisagem estudada, além da do próprio pesquisador; a essa qualidade Duncan chama de *significação da paisagem*. Os relatos dos locais sobre a paisagem fornecem a base para que o pesquisador interprete seu significado para aqueles que “a produzem, a reproduzem ou a transformam” (DUNCAN, 2004 p. 107).

² Essa premissa pode ser verificada mais detalhadamente no trabalho intitulado “Mudanças e permanências na paisagem do Sítio de Igarassu/PE”. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17076>.

Um ponto em comum no conceito de paisagem na geografia humanista, apesar das variadas possibilidades de abordagem, é sem dúvida, como afirma Ribeiro (2007), a percepção da paisagem enquanto um documento a ser lido, ou seja, interpretar a paisagem a partir de uma leitura da própria paisagem feita pelos grupos culturais envolvidos com a paisagem em questão. Paralelamente, Cosgrove (2012), diz que a paisagem é como um texto cultural que pode ser lido e interpretado, e complementa afirmando que os textos têm muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes, simultâneas e igualmente válidas.

A interpretação de produtos culturais como iconografias (mapas, pinturas, fotografias), conteúdos historiográficos, assim como os relatos e depoimentos orais são subsídios utilizados para a identificação dos elementos e atributos da paisagem permitindo a sua interpretação. Como forma de interpretar a Paisagem esses geógrafos adotam o método Hermenêutico, salientando que este não é o único método adotado pelos adeptos da Nova Geografia Cultural.

A perspectiva hermenêutica, na qual busca esclarecer o contexto dos diferentes atores (MINAYO, 2008), trata-se de investigar sobre a experiência dos atores, e consoante Claval (2001, p. 42) *“sobre o sentido que dão a vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças”*. E dentro de um sistema de representação icônica do mundo, Besse (2006) afirma que a paisagem é uma espécie de signo ou, mesmo, conjunto de signos, na qual é preciso decifrar a partir de um esforço interpretativo de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. Para Foucault (2002), a hermenêutica é o conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem fazer falar os signos e descobrir seu sentido.

Dessa forma, para que os argumentos sejam adequados e fidedignos quanto a interpretação da paisagem, faz-se necessário relacionar a evidência empírica de modo a conduzir ao caráter interpretativo da Paisagem. Essa ação pode ser expressa por meio da leitura das iconografias, relatos de viajantes, depoimentos orais, por exemplos, referenciando na construção das narrativas.

De acordo com Cosgrove (1998), as narrativas são estratégias utilizadas na seleção e interação entre as teorias e as evidências percebidas por meio das representações e experiências do cotidiano. Sendo, por sua vez, considerado um método de explanação dos momentos históricos e geográficos específicos.

A narrativa é uma construção de um eixo de leitura que envolve a mediação entre a visão do narrador e dos intérpretes particulares, composta por indivíduos de grupos culturais participativos no processo de interpretação da paisagem. Nesse sentido, a interpretação e o julgamento são componentes da narrativa e não ações a serem executadas antes ou depois de as evidências terem sido coletadas e processadas (MELO, 2003). Com isso, pelo fato de a paisagem permitir uma gama de leituras a partir do envolvimento dos diferentes grupos culturais, é fundamental e necessário que se escolha uma narrativa que seja o eixo central para a leitura da paisagem (RIBEIRO, 2011).

A interpretação desses produtos culturais são subsídios utilizados para identificação dos elementos e atributos que compõem uma Paisagem. Os atributos, por sua vez, têm um papel fundamental nesse contexto da Paisagem, mais precisamente nas Paisagens Culturais, pois um território somente pode vir a ser tratado como uma paisagem cultural se o seu principal atributo for à relação da sociedade com a natureza. Isto é, se os elementos naturais, materiais e imateriais estiverem relacionados entre si e forem reconhecidos pelos grupos culturais envolvidos em determinado local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do quadro teórico construído enfatizamos que o conceito de paisagem, embora polissêmico e em permanente construção (RIBEIRO, 2010), envolve entendimentos, compreensões e aplicações diversas, sendo papel fundamental no aporte da investigação científica.

O artigo levantou, ao longo da contextualização que se propôs, que a Paisagem tem apropriações diversificadas, e neste sentido não era intenção trazer um único caminho a ser perseguido, nem tão pouco querer abarcar genericamente os mais variados caminhos, evitando as generalizações e superficialidades. Porém, em especial, este artigo

trouxe uma abordagem que perpassa, numa escala temporal, considerações nos estudos de Paisagem que podem ser perseguidas e servir de revisão teórica.

Especificamente na Geografia, a Paisagem assume a dimensão das formas físicas, culturais e simbólicas integradas entre si, tornando-se legítimos registros culturais nas diversas camadas que compõem a Paisagem.

As paisagens geográficas são diversificadas na superfície terrestre e, muitas vezes, dentro de um mesmo território surgem de diversificadas formas; tanto nos aspectos físicos (componentes do quadro natural), como nas marcas e expressões dos grupos humanos com diferentes escalas (em razão do grau tecnológico e dos valores atribuídos a elas).

O diálogo construído, por meio das relações entre o passado e presente, na Paisagem, enquanto perspectiva de acúmulo de tempo e reprodução do espaço geográfico se apresenta como verdadeiros produtos culturais que, por conseguinte, são detentores de elementos e atributos do patrimônio cultural no espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

BARROS, N. C. C. **Quatro comentários sobre paisagem e região**. In: SÁ, A. J. & CORRÊA, A. C. B. (Org). Regionalização e análise regional: perspectivas e abordagens contemporâneas. Recife: Universidade da UFPE, 2006. p. 23-32.

BERJMAN, Sonia. **El paisaje y el jardín como elementos patrimoniales: una visión argentina**. In: TERRA, C. G. & ANDRADE, R. O. Paisagens culturais, contrastes sul-americanos. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 2008. p. 143-157.

BERQUE, A. **Paisagem, meio, história**. In: Cinq propositions pour une du paysage. Paris: Editions Champ Vallon, 1994.

BERQUE, A. **El nacimiento del paisaje in China**. In: El paisaje. Huesca: arte y naturalesca. Actas del segundo curso, Huesca, España, 1996.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem**. Editora Perspectiva, 2006.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

CLARK, K. **Landscape into art**. London, J. Murray, 1991.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis, Ed. Edusc, 1999.

CLAVAL, P. **O papel da geografia cultural na compreensão da ação humana**. Traduzido do francês por Márcia Trigueiro. In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Org). Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001. p. 35-86.

CLAVAL, P. **A paisagem dos geógrafos**. In: CÔRREA, R. L. & ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: uma antologia, volume 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 245-276.

CÔRREA, R. L. **A paisagem geográfica: uma bibliografia**. In: Espaço e cultura. Rio de Janeiro, NEPEC, UERJ, 1997. p. 113-122.

CÔRREA, R. L. & ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: apresentando uma antologia**. In: Geografia cultural: uma antologia, volume 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 07-14.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CÔRREA, R. L. A Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

COSGROVE, D. **Mundos de significados: geografia cultural e imaginação**. In: CÔRREA, R. L. & ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: uma antologia, volume 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 105-118.

COSGROVE, D. & DANIELS, S. **The iconography of landscape**. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

COSGROVE, D. & DOMOSH. **Author and Authority: writing the New Cultural Geography**. In: Place/Culture/Representation. (Org.) Duncan et al. London/New York, Routledge, 1993. p. 25-38.

DUNCAN, J. **The superorganic in American Cultural Geography**. Annals of the association of American Geographers, 1980. p.181-198.

DUNCAN, J. **The City as Text: the politics of landscapes interpretation**. In: the Kandyan kingdom. USA, Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, J. **A paisagem como sistema de criação de signos**. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (org.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004. p. 91-132.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. **Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

MARTINS, E. S.; REATTO, A.; CARVALHO JR, O. A.; GUIMARÃES, R. F. **Ecologia da paisagem: conceitos e aplicações potenciais no Brasil**. Planaltina - DF: Embrapa Cerrados, 2004.

MCDOWELL, Linda. **A transformação da geografia cultural**. In: Gregory, D. et al. Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 161-183.

MELO, Vera Mayrinck. **Um recorte da paisagem do Rio Capibaribe: seus significados e representações**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003 (UFRJ, Tese, doutorado em Geografia).

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MITCHELL, W. J. T. **Iconology: image, text and ideology**. Encyclopédie de Géographie Humaine. Paris: Economica, p. 257-272, 1986.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIBEIRO, R. W. **Possibilidades e limites da categoria de paisagem cultural para formação de políticas de patrimônio**. In: CUREAU, S.; KISHI, S. A. S.; SOARES, I. V. P.; LAGE, C. M. F. (orgs). Olhar multidisciplinar sobre a efetividade de proteção do patrimônio cultural. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 255-268.

SAUER, C. O. **The Morphology of Landscape**. In: Land and Life: A Selection from the writings of Carl Ortwin Sauer, ed. by J. Leighly, Berkeley: University of California Press, 1963. p. 315-350. Disponível em: <http://geography.uoregon.edu/amarcus/geog620/Reading/Sauer_1925_Morphology_of_landscape.pdf>. Acesso em: jan. 2019.

SILVA, A. F. et al. **Os valores patrimoniais da paisagem cultural: uma abordagem para o processo de intervenção**. Paisagem e Ambiente. São Paulo: v. 24, p. 297-308, 2007.

Claudio Antonio Vieira da Silva - Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural (2017) pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Mestre em Desenvolvimento Urbano (2014) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Geoprocessamento (2015) pela Faculdade Integrada de Patos (FIP). Graduado em Geografia (2010) pela UFPE.

Recebido para publicação em 16 de maio de 2020.

Aceito para publicação em 18 de maio de 2021.

Publicado em 19 de junho de 2021.